

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma
História do Pensamento da Terra

—



2016

Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

1ª edição 2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -

1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA

2016

*Impresso no Brasil
Printed in Brazil*

Tipologia, estrutura e geracionismo

Tipologia não é, propriamente, estrutura. Estrutura pressupõe uma grade rígida, que enquadra e classifica. É externa ao que observa, pressupondo um sujeito e um objeto separáveis. O que proponho não é uma estrutura externa às manifestações do pensamento, mas uma identificação dos seus tipos ou modos, a partir de seu fluxo contínuo. Os modos são nascidos uns dos outros, tal como a gestação de bebês pelas mães. Um certo tipo de pensamento pode ser evidenciado na cadeia cronológica em certa geografia, ou seja, sua ocorrência não está solta de seu tempo nem de seu espaço e, por isso, sua constituição é sempre trina, dada pela expressão pensamento-espaço-tempo. Assim, se identifico o tipo de pensamento mítico ocorrido nos escritos da tradição védica, no interior da cultura indiana, posso circunscrever suas manifestações ao longo de um certo tempo cronológico e em torno de um certo território da Terra. O meio para alcançar essa circunscrição são suas marcas, deixadas em registros escritos, pictóricos, arquitetônicos e outras mais. Agora, como o pensamento especulativo também ocorreu nessa mesma cultura – não a partir de outras fontes – acabo por identificar, no interior do pensamento mítico, alguns traços que apontam o que, depois de certo tempo, pode ser caracterizado como um

tipo de pensamento especulativo. O *Upanishads*, por exemplo, é um tipo de marca que promove a passagem de um tipo ao outro. Assim, tomados os dois tipos – mítico e especulativo –, não os considero como estruturas mítica e especulativa, dadas no interior da cultura em questão, mas dadas a partir de um movimento geracional, de filiação, de um tipo cronologicamente anterior a um tipo cronologicamente posterior. Observo que, durante certo tempo, o tipo de pensamento mítico é um *isto*, depois de algum tempo, ele continua sendo um *isto*, mas dá sinais de gerar pensamentos que não se enquadram exatamente em seus pressupostos míticos, passando a ser, no conjunto, um *isto* e um *isto e não-isto*. À medida que o tempo escorre mais e mais pela esteira da cronologia, outros pensamentos seguem dando feições cada vez mais diferenciadas do segundo tipo em relação ao primeiro. Depois de certo passar do relógio, quando observo a mesma cultura, percebo que seus tipos de pensamento estão mais bem delineados, diferentes entre si. Seus princípios se distanciam e se separam, grupos de pensadores alinham-se de um lado e de outro, muitas vezes mantendo-se irremediavelmente separados. Quando essa separação é perceptível, no interior do conjunto do pensamento de certa cultura, posso dizer a seu respeito *isto* e *aquilo*.

Se fosse eu seguir pelos princípios do pensamento científico, talvez estivesse satisfeito em dizer que os tipos de pensamento são estruturas, as quais

posso identificar nas culturas ou na cabeça dos indivíduos. Ora, visto que deles posso dizer *isto* e *aquilo*, nada mais seria necessário, a não ser caracterizar um e outro tipo e enquadrá-los em minha régua de medição. Entretanto, não utilizo, neste livro, os princípios do pensamento científico, mas sim os do pensamento especulativo e, por isso, escapo ao mero sistema classificatório das estruturas e me dirijo ao movimento fluido dos tipos geracionais. Estruturas e arquétipos só funcionam bem em análises restritas a um período cronológico muito pequeno, mas perdem consistência quando se alarga o tecido do pensamento-espaco-tempo.

Desse modo, portanto, um primeiro tipo é sempre a matriz geradora de um outro tipo. Na processão dos tipos de pensamento, as ligações entre gerado e geradora se mantêm. Durante um primeiro período há traços nítidos do tipo dominante, depois surgem traços dissonantes, em seguida, procuram se distinguir e, efetivamente, tentam se separar. Ainda que não consigam a separação completa, podem ser discernidos em tipos distintos. Sempre haverá traços do primeiro no segundo e sempre haverá a semente do segundo no primeiro, mas é possível discernir, depois de certo tempo, suas identidades distintas. Por essa razão, os tipos não são estruturas, mas são geracionais. Assim, os modos ou tipos são criados e gerados no interior de um modo ou tipo já existente, em seguida,

adquirem certa rotação própria e criam um novo núcleo gravitacional, mais ou menos homogêneo. As bordas dos tipos seguem se tocando em seus elementos comuns, mas tendem a se separarem a partir daquilo que os distingue, ou seja, seus princípios e axiomas, assim como também seus métodos, práticas, propósitos, meios e fins, derivados de suas diferenças.

Em um extremo, o pensamento humano é como uma circunferência que envolve o planeta Terra, desenrolada a partir de seu interior, amparada pela cronologia em oito tipos de pensamento. Cada um desses tipos possui pilares irremovíveis que lhes dão identidade, mas suas manifestações são inúmeras, infindáveis no campo das ideias, gerando correntes de pensamento que toca, por fim, cada um dos humanos, cujo pensamento lhe é próprio, único e irrepetível. Assim, do mais imaterial ao mais material, temos um só pensamento, fenômeno do pensar ao longo da história, oito tipos manifestos na cronologia, um só e bilhões de campos de ideias, infindas correntes e, atualmente, quase sete bilhões de pensamentos individualizados. Por isso, de um lado o pensamento é unívoco, mas, de outro, ele é tão múltiplo quantas cabeças pensantes houver. Do um ao múltiplo, ele pode ser distinto em camadas, tal como uma arqueologia do pensar. Nessas camadas, haveria em cima, de maneira mais visível, o último surgido na cadeia cronológica, mas, abaixo, em camadas

subterrâneas, alinham-se os demais, cuja base, irremediável, mantém as camadas superiores.

Científico – experimental
Místico – extático
Teológico – exegético
Especulativo
Mítico
Cifrado
Iniciático
Mágico

Observo que, na cadeia de manifestações dos tipos, o anterior não some, mas gera o próximo e o lança na cadeia cronológica, sobrepondo-se, depois de um tempo, sobre o primeiro, sem apagá-lo, aos moldes da geração de um filho pela sua mãe quando, no início, embora já tenha sido seminado, sequer o sabemos, depois, sequer os vemos com identidades, mas, depois de certo tempo, o gerado ganha alguma autonomia, desenvolve-se e pode ser dito um *este*, ainda que, por mais que se separe, sempre guarda relações com sua matriz.

Cruzamentos tipológicos por cronologia

É possível uma arqueologia das ideias? Se for, então, até que ponto se pode ter evidências e até que